

Lago Sul também tem seu lado pobre

Moradores da área mais nobre de Brasília sofrem de carências básicas como a falta de saneamento e urbanização

Área nobre que abriga os marajás e caixas-altas, o Lago Sul ainda carece de obras básicas como esgoto, sistema de captação de águas pluviais, urbanização e segurança. Símbolo da mordomia e do poder — da mesma forma que o Congresso Nacional, a Câmara Legislativa e a Esplanada dos Ministérios — o Lago quer mostrar ao País a sua verdadeira cara. Entre as regiões com maior renda per capita do Brasil, o bairro nobre reclama do Govrno um pouco da atenção destinada às satélites.

Com uma extensão territorial de 190.237 quilômetros quadrados, o Lago Sul tem problemas comuns a todas as cidades do Brasil. O que o torna diferente é a dualidade que prejudica a organização e as conquistas da comunidade: a classe média alta divide o mesmo espaço com personalidades políticas e empresariais.

Segundo o administrador regional do Lago Sul, Carlos Moura, a existência de tantos interesses, sempre apadrinhados, por deputados, senadores, ministros de Estado e grandes comerciantes, torna difícil qualquer gestão. “A comunidade deve ter em mente que é preciso estar unida para elevar a sua qualidade de vida”, observa.

Potencial ecológico — A população do Lago Sul está estimada em aproximadamente 30 mil habitantes, apresentando uma densidade demográfica privilegiada. Por isso, é considerado como de grande potencial ecológico. Margeado pelo

Lago Paranoá, é dividido em zona urbana e área de interesse ecológico (Jardim Botânico, Reserva Ecológica do Roncador, Área de Proteção Ambiental do Paranoá e fazenda de pesquisa da Universidade de Brasília).

Para valorizar este aspecto da região, o GDF vai criar, de acordo com o administrador, um parque ecológico nas quadras 26/28. O decreto aguarda apenas a conclusão dos estudos realizados pela Sematec — Secretaria do Meio Ambiente. A administração estuda ainda a possibilidade de construir ali um calçadão e transferir da QL 12/14 para a reserva a rampa utilizada para saltos de asa delta.

Entre os problemas mais graves enfrentados pelos moradores está a falta de esgoto. A Caesb pretende ter concluído a obra em dois anos, mas até lá as fossas serão substituídas gradativamente. Apenas as quadras de 1 a 7 já têm sua rede de esgoto implantada.

Postos — A construção de postos de combustíveis no canteiro central da EPDB (Estrada Parque Dom Bosco) não é bem vista pela comunidade. “Mas para retirarmos esses postos teríamos que desembolsar cerca de US\$ 1 milhão em indenização para cada um, ônus com o qual não podemos arcar”, informa o administrador. O fato de os terrenos já estarem vendidos constitui, de acordo com o prefeito comunitário do Lago Sul, Dikran Berberian, o maior empecilho para qualquer acordo. A permuta por terrenos em

outras áreas está sendo estudada.

O delegado Admar Brandão, da 10ª DP, adverte que o número de acidentes na EPDB está crescendo cada vez mais. Este problema, ao lado dos furtos em residências, tem merecido grande atenção da Secretaria de Segurança Pública. Para auxiliar na contenção da violência a criação de um posto policial no Gilberto Salomão está sendo estudada. *Point* daqueles que buscam a diversão, o centro virou ponto de tráfico de drogas

Os problemas passam pela falta de limpeza, pelo abandono da Península dos Ministros, pelas invasões das áreas verdes e por um comércio deficitário do ponto de vista da distribuição espacial. “Os moradores das quadras mais afastadas têm que se deslocar de carro para comprar o pão e o leite, mas a Terracap ainda não licitou os lotes para comércio por aquela região. A culpa não é nossa”, disse o comerciante Armindo Alencar Mota. **Fantasia** — A ilha da fantasia do Planalto Central, como também é chamado, cativa seus habitantes pela qualidade de vida que oferece, pela disponibilidade de áreas verdes e pela beleza arquitetônica de suas construções. Muitos chegam para ficar por ali durante um mandato, mas as raízes se tornam profundas e eles deixam de ser “estrangeiros” para serem efetivos moradores do Lago Sul. E é contando com esse sentimento de guarda que a administração e a prefeitura querem tornar verdadeira a imagem tão divulgada de que o Lago Sul é o paraíso de Brasília.



Fotos: Roberto Castro

O centro comercial Gilberto Salomão tirou sossego dos vizinhos

Preço da terceira ponte é US\$ 30 mi

Orçada em US\$ 30 milhões, a terceira ponte do Lago Sul é uma antiga reivindicação da comunidade. Segundo um estudo realizado pela Universidade de Brasília, encomendado por uma comissão de moradores especialmente criada para este fim, no ano 2000 o fluxo de veículos nas pontes Costa e Silva e Presidente Médici será de 57 mil carros diários, causando um colapso no sistema viário do Lago Sul.

O mesmo estudo, realizado em 1992, indica que com a construção da terceira ponte, ela será responsável, no ano 2000, pelo fluxo diário de 15 mil veículos. De acordo com o administrador Carlos Moura, o GDF garantiu o início das obras ainda no governo Roriz. Projetada para ser construída entre a QL 26 e o Setor de Clubes Esportivos Sul (altura do Clube de Golfe), a ponte terá uma extensão de 1,2 quilômetro.

Permuta — A comissão também estudou diversas formas para viabilizar a construção da ponte sem causar um rombo nos cofres do Tesouro local. Entre as sugestões estão a instituição de pedágio, cobrança de uma taxa de melhoria aos moradores beneficiados, obtenção de financiamento internacional e o pagamento da obra através de permuta com a empresa construtora.



Os moradores do Lago Sul desfrutam das belezas naturais da região

PRINCIPAIS PROBLEMAS

- O Lago Sul ainda não tem rede de esgotos. A Caesb já está em fase de licitação para iniciar a obra, orçada em US\$ 20 milhões. O prazo previsto para a conclusão da rede é de dois anos.
- Existem 14 terrenos já vendidos para a construção de postos de gasolina no canteiro central da Estrada Parque Dom Bosco. Este número é o dobro do necessário para atender à comunidade. Segundo os moradores, os postos tumultuam o tráfego e desenvolvem um comércio paralelo que estimula a criminalidade.
- A limpeza não tem sido realizada da forma adequada, provocando a acumulação de entulhos e insetos em diversos conjuntos.
- A Península dos Ministros está abandonada e o Governo Federal não sabe o que fazer com as casas desabitadas desde o governo Collor. A maioria das que foram vendidas também está abandonada.
- O Centro Comercial Gilberto Salomão está se transformando em um ponto de tráfico de drogas, violência e vandalismo.
- A população reclama mais áreas de lazer, como quadras poliesportivas, teatros e cinemas.
- O comércio está mal distribuído, deixando de explorar determinadas áreas mais afastadas.
- Moradores e comerciantes se excedem nas invasões das áreas públicas. Lotes de 800 metros quadrados estão se transformando em verdadeiras mansões com 8.000 metros quadrados.
- A 10ª DP do Lago Sul luta para diminuir o índice de furto em residências e o número de acidentes por excesso de velocidade e imprudência na EPDB.
- O Detran estuda a possibilidade de colocar redutores de velocidade na EPDB para evitar acidentes fatais e atropelamentos.

Em 57, área servia para acampamento

As primeiras casas do Lago Sul surgiram durante a construção da capital. Formavam um acampamento de uma empresa de construção paulista, que ali alojou os seus engenheiros e funcionários. O ano era 1957 e o Lago ainda estava longe de se tornar o reduto de belas casas, deleite de arquitetos e paisagistas, residências de destaques nacionais. Originalmente, as penínsulas Norte e Sul não faziam parte do projeto piloto do arquiteto Lúcio Costa.

O esboço, como o próprio autor o denominava, não contava com maiores detalhes habitacionais. Apenas mais tarde, no primeiro plano de desenvolvimento de seu projeto inicial, é que a exploração da Península Sul teve início.

Essas informações são do *expert* no assunto, o pioneiro Lourenço Fernandes Tamanini, que mora há 22 anos no Lago Sul. A casa em que reside é uma dessas construídas em 1957, que tem a primeira piscina de Brasília e um poço que abastecia de água o aeroporto durante a sua construção.

Esse plano de desenvolvimento previa que o Lago Sul iria apenas até a QI 17, onde foi construído um seminário. Também planejava a construção da Concha Acústica onde hoje é o Pontão Sul. Se o projeto fosse seguido à risca, a Península dos Ministros não existiria. Ali seria construído um hotel. E o estádio Pelezão, quem diria, estaria localizado exatamente onde está o Centro Comercial Gilberto Salomão.

Paranoá — Tamanini lembra também que, por pouco, a área localizada após a QI 17 não se transformou em cidade-satélite do Paranoá. “O Israel Pinheiro, presidente da Novacap, queria distribuir 1.000 lotes para seus funcionários, em 1959, mas chegou-se à conclusão que a área deveria ser destinada apenas à expansão do Plano Piloto”, conta.

Nessas duas décadas em que mora no Lago Sul, Lourenço Tamanini considera que a região não foi muito descaracterizada. Como graves alterações ele aponta o excesso na invasão de áreas verdes, o desaparecimento das ruínas calçadas que davam passagem entre os conjuntos, o aumento dos postos de gasolina nos canteiros centrais da EPDB e a instalação de escolas em terrenos residenciais.